

Bergson e o paralelismo mente-cérebro¹

Eberth Santos

ebertsam@yahoo.com.br

Professor do Departamento de Filosofia da UNESP - Campus Marília

Adelheid Litzinger Chiaradia

adelheidmaria@uol.com.br

Mestranda em Filosofia da UNESP - Campus Marília

Resumo

Em *O cérebro e o pensamento: uma ilusão filosófica*, Bergson propõe um escrutínio da tese do paralelismo psicofisiológico. Esta tese, presente na moderna história da filosofia, garantiria um tipo de equivalência entre estado psíquico, o pensamento, e sua contrapartida fisiológica constituída pelo estado cerebral. Bergson traduz esta equivalência da seguinte maneira: a consciência não nos diz nada mais do que aquilo que se passa no cérebro; ela apenas o exprimiria em outra língua. Deste modo, estado cerebral e estado psicológico entram em duas séries de fenômenos que se correspondem ponto por ponto, ou ainda, a consciência emergiria dos estados cerebrais, constituindo-se assim como uma espécie de força emergente deste. Como resultado, Bergson declara que esta tese pressupõe uma falácia. A ilusão em questão, diz respeito aos pontos de vista idealista e realista acerca da natureza do mundo e no modo como é possível, ainda que de maneira ilegítima, passar de uma metafísica idealista para uma realista, e vice-versa, sem disso se aperceber.

Palavras-chave: paralelismo psicofisiológico, dualismo corpo-mente, filosofia, psicologia.

Abstract

In *The brain and the thought: a philosophical illusion*, Bergson proposes a scrutiny on the thesis of psychological and physiological parallelism. Such thesis, present in modern philosophy history, would ensure a kind of equivalence between psychic state, thought, and its physiological counterpart formed by the brain state. Bergson translates this equivalence as follows: consciousness does not tell us anything more than what happens in the brain, it would just express it in another language. Thus, brain state and psychological state enter two series of phenomena that correspond point by point, or even that the consciousness would emerge from brain states, constituting then a kind of emerging force. As a result, Bergson declares that this thesis presupposes a fallacy. The illusion in question, concerns points of view, both idealistic and realistic about the nature of the world and how it is possible, yet in an illegitimate way, to pass from an idealistic metaphysics to a realistic one, and vice versa, without realizing it.

Key words: psychophysiological parallelism, body-mind dualism, philosophy, psychology.

Segundo Bergson, a origem da tese do paralelismo psicofisiológico remonta ao dualismo cartesiano². E, de fato, durante todo o século XVII as “descobertas” da fisiologia dos diferentes órgãos e sistemas do corpo humano, ganham cada vez mais interesse e vão sendo incorporadas e defendidas não apenas pelos estudiosos do corpo humano, médicos, principalmente, mas também por psicólogos e, até mesmo, por filósofos que, ao fazê-lo, tomam de empréstimo da psicofisiologia uma, por assim dizer, “metafísica de segunda-mão”.

¹ Trata-se da comunicação realizada no Congresso de Filosofia de Genebra (1904) que foi publicada sob o título de **O paralogismo psicofisiológico** na *Revue de Métaphysique et de Morale* e que posteriormente ganhou o título de *O Cérebro e o Pensamento: uma ilusão filosófica*.

² Como sabemos, Descartes defende o princípio de que corpo e alma são substâncias distintas. A primeira (*res extensa*) ocupando lugar no espaço, perecível, sujeita à causalidade mecânica; a segunda (*res cogitans*) inextensa, imperecível, volitiva, cuja principal função é a de ser a portadora do pensamento.

Bergson deixa bastante claro que não se trata aqui de analisar os motivos que conduziram a psicologia -ainda então como psicofisiologia, novo ramo das chamadas ciências humanas, segundo a classificação de Kant -, a tão prontamente assumir a tese do paralelismo. Apenas considera que assim procedera ela porque o dualismo cartesiano foi apresentado pelos filósofos como solução para a incômoda questão da integração corpo/mente, acenando com a possibilidade de, assim, oferecer uma tradução fisiológica integral da atividade psicológica. Tratava-se, portanto, de uma ciência nova, num domínio de conhecimento novo, com um programa investigativo bem definido e auspicioso, partindo de um pressuposto de bases tidas como sólidas, uma vez que fornecidas por uma filosofia de respeito.

Contudo, a tese do paralelismo faz uma afirmação completamente diferente daquela de uma regra científica baseada na experiência. Trata-se de uma hipótese metafísica, atribuindo ao pensamento tal correspondência com o cérebro que, a bem da ciência e do espírito científico, poderíamos reduzir o primeiro ao segundo. Assim sendo, o cérebro seria a tradução fisiológica do espírito. No entanto, segundo o estado atual das investigações fisiológicas, tudo o que nos seria permitido fazer, seria apenas, de posse do detalhamento de um estado psicológico, determinar o estado cerebral concomitante.

O que Bergson propõe é mostrar que a tese do paralelismo se apóia num artificialismo argumentativo no qual passamos, sem percebermos, de um sistema de notação filosófica (idealismo) a outro (realismo), e vice-versa, sem levar em conta que essa passagem de um sistema a outro no mesmo raciocínio é inconciliável com as regras do raciocínio clássico, uma vez que se trata de sistemas interpretativos da realidade logicamente excludentes entre si; assim, a tese do paralelismo psicofisiológico constitui um sofisma bastante sutil, mas ainda assim, não intencional.

Estes dois sistemas de interpretação filosófica da realidade – na verdade, estas duas metafísicas, - diferem na maneira como encaram os objetos do mundo assim como as mudanças, que neles se operam. O realismo fala de *coisas*, o idealismo, de *representações*.

Para o idealista, nada mais há na realidade além do que o que aparece à consciência individual ou à consciência em geral: nenhuma propriedade da matéria poderia não ser objeto de representação, e todas as articulações do real são articulações das representações. Tudo no objeto é atual ou passível de atualização, não há virtualidades ou potencialidades no mundo; assim, todo o essencial da matéria é o que a representação nos mostra; é a própria representação, o critério da realidade do mundo.

Já dentro do sistema de notação do realismo, essas articulações e divisões perceptíveis, e que se mostram a nós como nossas representações, não passam de diferentes formas de interpretação de uma mesma e única realidade a qual está para além desses meros fenômenos.

Em outras palavras, sob a nossa representação da matéria, há uma causa inacessível desta; por trás da percepção do atual há poderes e virtualidades ocultos. Assim, uma maçã seria não apenas o conjunto de suas propriedades aparentes, mas também de uma "substância" ou "essência", substância esta que sempre escaparia à nossa constatação, o *em si* da coisa. Se esta

causa primeira das representações não é passível de representação, pode-se então afirmar que o mundo, para o realismo, é mais do que a totalidade das representações.

Para dar uma solução elegante para a tese da ambigüidade escondida sob o paralelismo cérebro-pensamento, Bergson deixa de lado concepções histórico-filosóficas diferentes que possam sobrecarregar os termos *idealismo* e *realismo* e restringe-se a estas duas notações do real: idealismo implica a possibilidade de identificar as coisas com a representação, enquanto que realismo, ao contrário, implica a impossibilidade dessa identificação.

Por um lado, o conteúdo do pensamento encontra-se numa espécie de correspondência reflexiva com as *coisas*; entenda-se aqui, os objetos da percepção são como uma espécie de cópia, como que um mapa da *coisa*, mas este mapa é, simultaneamente, tudo o que há. O que nos conduz, seguindo o raciocínio de Bergson, à percepção de que essa apreensão das formas já exclui, por ela mesma, a aplicação dos dois sistemas de notação ao mesmo objeto do mundo, uma vez que este objeto, em sua essência, só permite um sistema de notação, o idealista³.

De acordo com a tese do paralelismo na perspectiva idealista, uma vez de posse do "estado cerebral", poder-se-ia suprimir todos os objetos de percepção sem alterar a consciência, já que é o "estado cerebral", causado pelo objeto-representação, e não o objeto-coisa, a causa da percepção consciente. Objetos exteriores não passam de imagens e o cérebro nada mais é do que uma delas.

Pode-se conceber a hipótese idealista da seguinte forma: sempre que somos postos frente a frente com os objetos de percepção visual, excitações provocadas por esses objetos nos sensores externos do aparelho da visão, e que são propagadas até os centros da visão no cérebro, causam uma modificação na organização cerebral. Tem-se, então, primeiramente a ação dos objetos exteriores que causa um efeito sobre o cérebro, sobre seus átomos, suas moléculas, ou suas células⁴. Sob esse efeito, o cérebro prepara reações apropriadas na forma de movimentos de reação.

A tese do paralelismo sustenta que, uma vez de posse de um determinado estado cerebral, seria possível suprimir todos os objetos da percepção a ele correspondentes, sem causar qualquer mudança na consciência, uma vez que é este estado cerebral, e não os objetos da percepção, aquilo que determina a percepção consciente.

Logo nos apercebemos que aqui se delineia uma espécie de beco sem saída para a tese idealista; se objetos exteriores são imagens, o cérebro como um objeto entre outros é uma delas. A tese idealista sustenta que não há nada nas coisas além do que pode ser mostrado na imagem, ou seja, no movimento dos átomos. Se partirmos do princípio de que o que existe são movimentos dos átomos cerebrais, então nada mais há no cérebro do que os tais movimentos dos átomos cerebrais. Se o mundo exterior e o movimento intracerebral são da mesma natureza, não se pode esperar que a imagem do mundo circundante derive das imagens das coisas dadas na representação, visto que, apenas o que é atual, ou imediatamente atualizável é o que fornece

³ Para Bergson, em vista disto, a própria tese do paralelismo já traz no seu bojo o germe da contradição, pois se fala, por um lado em *cérebro*, que vemos como sendo uma "coisa" e, por outro lado, em *pensamento*, que entendemos como "representação".

a representação; não se pode esperar que a estimulação do cérebro contenha virtualmente a representação de todo o mundo.

O cérebro então sofre o efeito de movimentos exteriores e, por assim dizer, os prolonga em movimentos de reação esboçada, realizada ou apenas iniciada. Sua função reduz-se a isto, a sofrer a ação de outras representações e a esboçar articulações motoras, mas ele não esboça suas próprias representações, nem a totalidade das representações, a não ser que sendo *parte*, fosse o *todo*, o que efetivamente seria uma contradição.

Como se, inconscientemente deslizássemos de um idealismo para um pseudo-realismo: o cérebro, representação como todas as outras coisas-representações, passa a valer não mais como representação entre outras representações, mas ele, com seus movimentos intracerebrais como *causas ocultas*, à moda de "coisas", dotado de poderes que se estendem muito além do que o que nele é representado.

Bergson se pergunta então: o que nos faz pensar que, por trás de uma representação dada pelos objetos da percepção, possa haver *causas ocultas* gerando a percepção consciente? Ou seja, qual o raciocínio que ainda pode sustentar a idéia de paralelismo psicofisiológico? A resposta está na existência, por um lado, da percepção e, de outro, da memória.

Quando rememoro os objetos que uma vez percebi, parece claro que o que se faz presente no pensamento é alguma parte do meu corpo que, de certa forma "guardou" sua representação. Daí a idéia do paralelismo: se uma representação só pode ocorrer na presença do objeto, se nada houver no objeto senão aquilo que está representado, então parte da representação é parte do objeto ou de sua presença. Parece, então, que na hipótese idealista a memória seria uma espécie de película destacada da representação original, pois é fragmentária, não retém todos os elementos da percepção primitiva, não provoca no corpo o mesmo abalo que a percepção original, portanto não aparece mais como atual.

Essa película, embora sempre presente, não assomaria à consciência, senão quando fosse útil fazê-lo. Parece claro que o pensamento possa trazer à tona os objetos da memória. Contudo, não havendo nada por trás de cada representação, nada que possa constituir a causa dessa representação, também nenhuma novidade poderia assomar à consciência.

Combinando e recortando, mecanicamente, as representações como que impressas nessa película do cérebro, tal qual ocorre com os diferentes elementos em um caleidoscópio, as mais bizarras combinações poderiam, sem dúvida, ser obtidas; mas nada de verdadeiramente novo poderia ser causado, nem um novo movimento sequer. Considerado, então, simplesmente como uma resposta da memória, em sua ordem e operação, o pensamento seria apenas um processo mecânico: ou é a repetição de uma estrutura previamente existente e tirada da memória; ou então, é alguma combinação dessas memórias em outras estruturas de idéias, conceitos ou categorias, que poderiam conter alguma novidade decorrente da interação fortuita de elementos da memória, mas ainda essencialmente mecânica.

⁴ Tentamos permanecer fiéis à terminologia utilizada por Bergson e pela fisiologia da época em que o texto aparece pela primeira vez.

Configura-se, assim, a situação já citada e que está na base da tese do paralelismo do ponto de vista idealista: o estado cerebral causa o pensamento, que coincide com a representação completa, ou completamente ativa, dos objetos percebidos, e, incompleta, ou incompletamente ativa, nos objetos rememorados.

Ainda acompanhando o raciocínio de Bergson, analisaremos agora a tese do paralelismo psicofisiológico à luz do ponto de vista realista. Em sua essência, o realismo assume que, por trás das representações, haja sempre uma causa. Deste modo, haveria de se estabelecer uma correspondência entre as representações e suas causas, sendo que aquelas se dão em função destas.

Embora haja alguma discordância sobre a natureza última dos estados cerebrais e de sua dinâmica, todos parecem concordar em um ponto: deve haver uma sincronia entre os movimentos e funções de suas partes e aquilo que se passa no que aprendemos a chamar de *consciência*: "pense em nossos estados mentais como pequenas cintilações de uma luz tremeluzente que ocorre na superfície do cérebro, cintilações causadas pela atividade do cérebro, mas que por sua vez não tem efeitos causais sobre o cérebro" (CHURCHLAND, 1998, p.31)

Não parece haver espaço, entre eles, para se duvidar da causalidade material do cérebro sobre os processos do pensamento. Assim, os movimentos da substância cerebral, uma vez decifrados, revelariam aquilo que está se passando na consciência e uma vez estabelecida esta correspondência ponto-a-ponto entre um e outro, o perito *lerá* os pensamentos à moda do sábio que lê o futuro nos movimentos da borra de café lançada à água quente, com a vantagem adicional de seraquele, o perito, supostamente mais preciso que este.

E é justamente aqui que Bergson localiza a contradição: de que forma uma só *coisa*, a saber, o cérebro e o movimento de seus átomos, pode repentinamente ser duas? O apresentar-se de um objeto à nossa visão, provoca um movimento no cérebro, uma mudança no seu estado. Subitamente, esta mudança no estado cerebral, provoca nosso desejo de possuí-lo, passando de objeto da percepção (representação 1) para objeto do desejo (representação 2).

Encontramo-nos agora em um beco sem saída: uma vez presente um objeto (*coisa*) e o nosso cérebro, dá-se então uma representação determinada. Mas vimos, no parágrafo anterior, que uma mesma *coisa* pode dar origem a duas representações distintas, como *objeto-representação* da percepção e *objeto-representação* do desejo. Além disso, o realismo declara que todas as divisões (representações) da matéria (da *coisa*) são arbitrárias, no entanto, sub-repticiamente afirma que objetos-*coisas* distintos causam estados cerebrais-*coisas* distintos, dando origem a representações distintas. Mas como se efetiva essa compartimentação das *coisas* senão pelo registro idealista? Isto é, uma vez que as causas das representações (*coisas*) estão para além das representações, então elas não estão acessíveis senão como representações, portanto o cérebro é tratado como causa da representação (*coisa*) e como representação a um só tempo. Velozmente o realista transita em território inimigo e com ele compactua sem, no entanto, se dar conta disto.

Argumentando em favor do realismo, poderíamos supor que os estados mentais ocasionados pelo cérebro poderiam, por eles mesmas, criar novas representações de objetos.

Assim, na maçã que a serpente ofereceu a Eva já estaria contido o desejo de devorá-la. Mas neste caso, as representações causariam novas representações, de modo que, desta vez, é a representação que seria tratada como *coisa*. Seja como for, novamente atravessamos a fronteira lógica que separa o idealismo do realismo.

De fato, havíamos dito que a representação é função dos objetos-*coisa* e do estado cerebral (*coisa*) por eles suscitado. Então, como seria possível abstrair agora o mundo das *coisas* e admitir que os estados cerebrais (*coisas*) poderiam, por eles mesmos, causar novas representações? Não estaríamos fazendo, dos estados cerebrais, percepção e lembrança simultaneamente? Neste caso, não estaríamos no reino do idealismo no qual o mundo se configura como a totalidade das representações? Ora os estados cerebrais são tratados como coisas, ora são tratados como representações.

Contudo, para Bergson a ciência oscila sempre entre um realismo e um tipo de idealismo provisório: A hipótese do realismo não é mais do que um ideal: ela nos lembra que nunca atingiremos definitivamente a explicação da realidade senão por meio de nossas compartimentações arbitrárias dessa realidade. Em última instância, a realidade não passaria de uma representação provisória, temporária, pacotes de virtualidades ocultas, de possibilidades infinitas, de mistérios sempre a se desvendar, como quando abrimos uma boneca russa apenas para perceber que nos deparamos com outra.

Bergson sabe das dificuldades envolvidas aqui. Em absoluto considera ser fácil dissipar a ilusão envolvendo a tese do paralelismo cérebro e pensamento. Oscilamos velozmente de um lado para outro, diz ele, e somos assim facilmente enganados por este movimento pendular: corroboram com esse engano uma série de idéias bastante difundidas no meio filosófico. Algumas engendraram a tese, outras talvez, anteriores a ela, produziram as condições de possibilidade para essa *mésalliance*, outras ainda nela se inspiraram para apenas crescerem à sua sombra repousante.

Entre estas últimas, o autor destaca a idéia de uma *alma cerebral*, a concentração da representação na substância cortical, esta funcionaria como uma verdadeira câmara escura. Aqui observamos nitidamente uma tentativa de explicar os fenômenos da mente pelas das leis da ótica, miniaturizando o mundo circundante na consciência. Está implícita aqui a idéia de uma causalidade mecânica e de uma calculabilidade matemática.

Esta idéia serve de amparo na busca por uma abertura que conduza do mundo da representação para o mundo da *coisa*. Bastaria apenas, se assim fosse, retirar as cores e as texturas da representação mental, mantendo, tão somente, as relações matemáticas e o simples *contorno*. Deste modo, para se obter a realidade da maçã bastaria subtrair-lhe a cor, o sumo, o aroma, a textura, obtendo-se assim, a *matéria* do pensamento. Em vez disso, precisamos optar entre conceber a realidade como espalhada no espaço, totalmente atual ou atualizável, ou admitir um sistema no qual a realidade não passa de um reservatório de potencialidades, concentrada em si e extra-espacial: o que nos traz de volta, respectivamente, o idealismo e o realismo.

Para concluir, apenas mencionaremos que a idéia de que estas duas totalidades são solidárias baseia-se no fato de que determinadas lesões no tecido cerebral provocam

determinadas alterações no estado de consciência e é corroborada por inúmeros dados da fisiologia do sistema nervoso. Obtém-se por meio disto um paralelismo muito ingênuo entre estado cerebral e estado de consciência. Por extensão, paralelismo entre variação do estado cerebral e variação de estado de consciência. A fragilidade deste tipo de raciocínio poderia ser apontada por meio de uma simples analogia, na qual teríamos uma complexa máquina em funcionamento e um de seus componentes, um mero parafuso: se o parafuso da máquina quebrar, a máquina toda deixa de funcionar; como se este parafuso fosse composto por partes e cada uma dessas partes correspondesse a uma parte da máquina inteira.

Mesmo que não haja dúvida quanto a consciência estar acoplada ao cérebro, não resulta daí que o cérebro desenhe todos os detalhes da consciência; ou ainda, que a consciência se dê simplesmente em função do cérebro. O fato da vida do corpo estar, de certa forma, ligada à consciência mostra que há solidariedade entre ambas, diz Bergson, é isto que a experiência nos mostra e nada mais.

Percebemos que, em *Cérebro e Pensamento*, Bergson se opõe às tendências do racionalismo e do cientificismo de sua época. Ainda que as crescentes descobertas científicas e a importância crescente do seu papel na sociedade industrial indiquem o seu crescente fortalecimento. Baseada numa racionalidade e num método de investigação cada vez mais cuidadoso, a ciência não consegue ter acesso imediato à realidade em si; o ideal do conhecimento completo, total e totalizante, tal como o conceito de *limite* matemático, não pode ser atingido num ato único e final; permanecendo sempre a nossa frente, este ideal sinaliza constantemente que o persigamos, mas sempre se distanciando a cada passo que damos em sua direção. Corremos atrás de nossa própria sombra, sem sabermos que o motivo de sua fuga se encontra em nosso próprio movimento em sua direção.

Considerando suas críticas a um determinismo puro e ingênuo acerca da natureza e do Homem, desejaria Bergson que esse texto fosse considerado um ponto de referência para uma nova teoria menos cartesiana do espírito? Acreditamos que sim. E tal qual a Madona de Leonardo da Vinci que, com seu sorriso, reproduz o enigma da esfinge "decifra-me ou te devoro", esta discussão também pode significar que, uma vez decifrado o enigma, não tarde o ocaso da racionalidade humana. Filosofia e ciência tornar-se-iam, assim, meras pegadas, marcando a passagem da espécie humana e cumprindo um objetivo meramente estético. Mas talvez, este seja o objetivo mais nobre.

Referências

BERGSON, H. O Cérebro e o pensamento. In: _____. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p.47-58.

CHURCHLAND, P. *Matéria e consciência*: uma introdução contemporânea à filosofia da mente. Trad. Maria Clara Cecato. São Paulo : Unesp, 1998.